

O SER DESCONTÍNUO E O DESEJO HOMOERÓTICO EM CONTOS DE ANTONIO DE PÁDUA

*Simião Mendes Júnior**
*Flávio Pereira Camargo***

RESUMO: Antonio de Pádua Dias da Silva em sua primeira obra de contos *Sobre rapazes e homens*, de 2006, explora, através de seus personagens, questões relacionadas à subjetividade e à identidade gay, como a carência afetiva e sexual, através de uma narrativa carregada de sensibilidade poética e visceral. Esse artigo procura discutir e identificar como se manifesta o desejo homoerótico destes personagens, demonstrando a relação intrínseca entre o desejo inquietante com a descontinuidade do ser, que muitas vezes levam os sujeitos gays a situações de injúria, abjeção e solidão.

PALAVRAS-CHAVE: Abjeção; Homoerotismo; Injúria.

Considerações iniciais

Sobre rapazes e homens é o título do primeiro livro de contos de Antonio de Pádua Dias da Silva, publicado em 2006, no qual o autor aborda as relações homoeróticas de personagens marcados por questões relacionadas à subjetividade e à identidade gay, como as relações líquidas (BAUMAN, 2004), a injúria, a solidão e a carência afetiva e sexual que levam tais personagens a sentirem um desejo latente e inquietante, diretamente relacionado à descontinuidade de seus sentimentos e à necessidade de seus corpos.

* Mestrando em Letras e Linguística (área de Estudos Literários; linha de pesquisa Literatura Comparada e Estudos Culturais) pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

** Professor adjunto de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Letras e Linguística pela UFG.

Michel Foucault (1981) denomina de “desejo-inquietação” este desejo latente que leva à busca pelo objeto de desejo, pois o erotismo dos corpos representa não só um desejo físico, mas uma busca pela completude e pelo fim da inquietude interior, ou seja, a necessidade de preencher as carências afetivas que resultam na descontinuidade do ser.

Esta se dá, segundo Georges Bataille (1987, p.20), pelo fato de sermos seres incompletos, que buscamos no outro a nossa completude. Já para Judith Butler (2010), a busca pelo corpo do outro como uma tentativa de alcançar tal completude é uma representação da condição de abjeção, de um “corpo que não pesa”, ou seja, daqueles que não assumem a performatividade dentro das normas e dos padrões pautados na heteronormatividade.

A busca pela completude do ser, apontada por Bataille, vai contra a visão estigmatizada da sociedade de que o sujeito gay procura apenas saciar seus desejos sexuais, o que constitui o imaginário heteronormativo e homofóbico de que o sujeito gay é promíscuo, baixo e que não possui desejos afetivos e necessidade de supri-los, causando assim, ainda hoje, a abjeção, que gera a injúria e, muitas vezes, atos de violência àqueles que se encontram em relações homoeróticas. Todavia, como aponta Bataille, essa busca vai além do erotismo dos corpos, uma vez que o objeto desejado está ligado ao que está por trás do desejo exterior.

As relações contidas em *Sobre rapazes e homens* são descritas por Pádua a partir de uma narrativa que faz uso de uma linguagem ora poética, ora licenciosa, capaz de provocar no leitor o desejo experienciado pelos personagens, seja pela leveza da descrição do encontro de seus corpos, seja pelo vocabulário, que faz uso da linguagem técnica levada ao extremo, utilizado para representar o erotismo destes encontros. A narrativa de Pádua, cativante, íntima e intensa, é capaz de produzir nos leitores as mesmas carências e fragilidades vividas pelos seus personagens, produzindo, assim, um efeito de empatia.

Portanto, neste artigo temos como objetivo analisar a descontinuidade resultante do desejo homoerótico destes personagens. Para tanto, foram escolhidos os contos “Passional ao extremo”, “Esquema F” e “Agente da passiva” como *corpus* e os estudos de Didier

Eribon (2008), Eliane Moraes (2003), Georges Bataille (1987), Judith Butler (2010), Michel Foucault (1987), Octávio Paz (1995, 2004), e Zygmunt Bauman (2004), entre outros, para compor a fundamentação teórica.

Passional ao extremo: a descontinuidade do ser pleno de gozo, mas existencialmente vazio

O primeiro conto do *corpus* deste artigo narra as dores de um personagem em meio à multidão, tentando se encontrar e encontrar a completude e a satisfação de seu desejo latente, convertido em uma angústia, uma agonia do “pão nosso de cada dia” (SILVA, 2006, p.35). Essa agonia à qual o protagonista se refere está relacionada à busca de outrem para suprir uma carência que todos nós, seres humanos, compartilhamos, e à qual estamos sujeitos, pois

O homem é o único ser que se sente sozinho, o único que é busca de outro. Sua natureza – se é que se pode falar de natureza quando nos referimos ao homem, o ser, justamente, que se inventou quando disse “não” à natureza – consiste em aspirar a realizar-se em outro. O homem é nostalgia e busca de comunhão. Por isso, toda vez que sente a si mesmo, sente-se como carência de outro, como solidão (PAZ, 2014, p.189).

A metáfora do pão como alimento do corpo surge como indicativo da busca, da “fome” que é o desejo de suprir a carência e a solidão do ser descontínuo pelo objeto que o complete, mesmo que esta completude seja efêmera.

Sendo assim, temos no conto um personagem carente de comunhão, que se sente incompleto. Tal sentimento faz com que o personagem busque na multidão um olhar recíproco, alguém disposto a suprimir sua incompletude e mais do que isso, que corresponda ao seu desejo latente, que para Bataille traduz-se em erotismo:

Só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças (BATAILLE, 1987, p.10).

A busca, como o próprio personagem narra, é a um só tempo desesperada e perigosa: “era uma putaria da porra estar naquela condição: em busca de um alô no olhar de um homem qualquer” (PÁDUA, 2006, p.36). O receio do protagonista está relacionado à sua exposição e vulnerabilidade decorrentes de possíveis atos de injúria, o que faz com que ele permaneça em estado de atenção constante:

Passei a cogitar como seria olhar para um homem e esperar dele a reação. Mas não quis arriscar porque poderia receber uma palavra, uma censura, um murro até. Mas não parava de pensar, como seria olhar para um homem e ver a reação. Dele (SILVA, 2006, p.35-36).

Essa sensação ambígua entre se mostrar ou não, mas com a devida precaução que obriga o sujeito gay a se submeter a uma performatividade que renega e interdita sua subjetividade se dá, segundo Paz (2014), porque “a vida moderna estimula desnecessariamente a nossa sensualidade, ao mesmo tempo que a inibe com todo tipo de interdições – de classe, de moral e até de higiene. A culpa é a espora e o freio do desejo” (PAZ, 2014, p.192).

Esse desejo tolhido pela culpa e pelo medo está relacionado, de certa forma, com o fato do personagem ter consciência de seu “lugar” na sociedade heteronormativa, que o marginaliza e o vê como abjeto. Um lugar excludente que, para Butler (2010), reflete na em sua subjetividade pois “o sujeito é constituído pela força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio” (BUTLER, 2010, p.155-156).

O fato de o protagonista assumir que “pede esmola de carinho a transeuntes desconhecidos” (SILVA, 2006, p.36), reforça o que Bauman diz em torno do desespero de relacionar-se no cenário líquido de nossa vida moderna (BAUMAN, 2004, p.08).

Esse desespero, visível quando o protagonista assume ser o único que se “assolava ali na agonia de quem está prestes a cometer um suicídio” (SILVA, 2006, p.36), se traduz

em violência com o tão aguardado encontro do parceiro, como percebemos no seguinte trecho:

Mergulhava o meu vazio lentamente, possuindo-me por inteiro e por cima, enquanto eu me vazava pelos poros não perceptíveis: deixava-me seduzir por aquela imagem que não se encontra no dia a dia. Todo laçado, arpejado em minha pele, deixei-me sugar o caralho até à gala, conservando sempre o pedaço de vida a que me prendia naquele exercício de morte. Tudo feito às claras e sem nenhuma proteção (SILVA, 2006, p.39-40).

Ou mesmo na imagem forte de um estupro, analogia que o protagonista faz, dada a forma como a relação foi consumada, comparando-a a uma relação homem-mulher:

Palavras não foram ditas, acordos não foram feitos. Se a situação fosse entre homem e mulher, e se eu estivesse na posição feminina, diriam ter havido um caso de estupro, dado o fato de que a sedução ter ocorrido de uma forma estranha, quase sem consentimento (SILVA, 2006, p.40).

O encontro erótico dos corpos, ocorrido de maneira brusca, sem proteção e violenta, se deve por que

Só a violência pode, assim, fazer tudo vir à tona, a violência e a inominável desordem que lhe está ligada! Sem uma violação do ser constituído – que se constitui na descontinuidade – não podemos imaginar a passagem de um estado a um outro essencialmente distinto. Encontramos nas passagens desordenadas dos animalculos engajados na reprodução não só o fundo de violência que nos sufoca no erotismo dos corpos, mas também a revelação do sentido íntimo dessa violência. O que significa o erotismo dos corpos senão uma violação do ser dos parceiros, uma violação que confina com a morte, que confina com o assassinio? (BATAILLE, 1987, p.13-14).

É cara também a passagem em que Bataille explora o erotismo sagrado, trecho que coaduna com a analogia que o personagem protagonista faz no momento erótico da entrega dos corpos:

O parceiro feminino do erotismo aparecia como a vítima, o masculino como o sacrificador, um e outro, durante a consumação, se perdendo na continuidade estabelecida por um ato inicial de destruição (BATAILLE, 1987, p.14).

O conto termina com o personagem tendo seu desejo-inquietação saciado, mas consciente de que a solidão, a carência, a incompletude e a sensação de descontinuidade logo lhe baterão à porta, como ele mesmo diz no início do conto através da metáfora de que sempre é preciso buscar o “pão nosso de cada dia”, que se configura em relações líquidas e descartáveis:

E assim não quis mais questionar, naquele dia, a pobreza de que era portador. Pleno de gozo. Vazio de gala. Chupado ao extremo. Amante repentino. Passaria um bom tempo sem ter tempo para pensar em coisas que estivessem além do céu ou além dos domínios daquela paixão que me consumiu em um único momento (SILVA, 2006, p.40).

Ao final da leitura do conto, percebemos que o personagem protagonista aceita a condição da relação casual que lhe preencherá o desejo do corpo consciente de que a mesma não é capaz de saciar sua carência, além de não resolver o problema da sua descontinuidade. A palavra “paixão” para denominar a breve e esporádica relação nos faz refletir em torno do seu peso emocional: como medir um sentimento que brota de uma relação tão breve? Esse “céu” ao qual o personagem se refere irá se repetir em outras relações repentinas? É mesmo um céu ou apenas um placebo que o personagem busca para remediar sua solidão, carência e vazio existencial? Ao que tudo indica, sua busca será incessante em um movimento cíclico moldado pelo desejo latente e pela necessidade de satisfazê-lo.

Esquema F: a descontinuidade e a injúria pós-rito de iniciação

O segundo conto que analisaremos narra o rito de iniciação entre um garoto de 15 anos e um homem com o dobro de sua idade, em uma sala escura, suja e úmida, no fundo da loja de seu pai. Pádua utiliza de forma estética a diagramação da folha em estru-

turas que lembram poemas modernistas, narrando assim, as vésperas do encontro dos corpos dos personagens, o que pode causar, segundo Eliane Robert Moraes (2003), o efeito obsceno no leitor:

Não esquento não, molequinho gostoso, teu pai agora vai ser eu. Me obedece e desce logo essa boca no meu pau.

V
E
R
T
I
C
A
L

Assim mesmo; era a relação:

Ele
Mastro

P

e

n

d

u

r

a

d

o

A boca parecia fazer um círculo em torno do membro ereto. Rastejava àquela imagem desde que o membro se inflamava. E este subia até o ponto vertical;

o

l

a

F

ele não teve escolha. ele já tinha escolhido: diante da majestade e do trono, a submissão (SILVA, 2006, p.75).

Além da disposição das palavras que demonstram os estados do falo do homem, as marcações “Ele” ao se referir ao adulto e “ele” em relação ao garoto, evidenciam a relação de macro e micro poder entre os personagens, bem como os trechos da narrativa onde ficam claros como o homem conduz a relação, de forma ativa, enquanto o garoto se entrega, submisso, a seus deleites, de forma passiva.

Pádua faz uso de palavras licenciosas e da linguagem técnica para nomear partes interditas do corpo, expondo uma linguagem desnuda de metáfora para falar do ato sexual e do desejo de um corpo pelo outro, o que torna a narrativa visceral, podendo causar certo desconforto para os leitores mais desprevenidos:

Talvez os trinta anos dEle fossem o motivo da atração dele, aos quinze [...] a quase idade do pai. A possível idade de um filho. A sensação dele de uma relação incestuosa. O gozo dEle de poder mover o sistema nervoso de outro mais querubim (SILVA, 2006, p.76).

Apesar das palavras licenciosas e do possível efeito obsceno no leitor, a narrativa não chega a seguir um método libertino nem pode ser considerada pornográfica, uma vez que, para Moraes (2003, p. 123), o “método corruptor do libertino consiste precisamente na nomeação das posições sexuais e das partes mais secretas do corpo, valendo-se dessa ‘língua técnica’ cujos termos foram expulsos do léxico da decência”.

O efeito obsceno do conto pode surgir através das comparações que Pádua faz do rito de iniciação do rapaz com o ato de amamentar, tido como sagrado:

Entre um olhar e outro, então, o caralho na boca do menino [...] ele sugava como a um peito. Nem imaginava a imagem que formava ali. Pai amamentando o filho por vias naturais. Filho perdido nos embraços paternos (SILVA, 2006, p.76).

É provável que a analogia ao incesto da frase “Pais amamentado o filho por vias naturais” cause maior efeito obsceno no leitor do que a frase “O caralho na boca do menino”. Essa dúvida se dá devido à

dificuldade de se estabelecer as diferenças entre o que seria “erótico” ou “pornográfico” – reafirmada pelos historiadores, que preferem

empregar os dois termos indistintamente – também decorre da mesma indeterminação formal que impede o reconhecimento de um gênero literário. A questão é enfrentada por Henry Miller, num ensaio escrito por ocasião da proibição de seu *Trópico de Câncer*, em meados dos anos 30. Nele, o escritor observa que “não é possível encontrar a obscenidade em qualquer livro, em qualquer quadro, pois ela é tão-somente uma qualidade do espírito daquele que lê, ou daquele que olha.” Para o autor, essa “qualidade do espírito” estaria intimamente relacionada à “manifestação de forças profundas e insuspeitas, que encontram expressão, de um período a outro, na agitação e nas idéias perturbadoras” (MORAES, 2003, p.129).

Vale ressaltar que em todo o conto, o garoto anseia pela relação, e seu desejo homoerótico fica claro em trechos como “eu quero o céu! Disse tranquilo o moço” (PÁDUA, 2006, p.77). Sendo assim, não se trata de uma relação abusiva mas um rito de iniciação por parte do jovem que durante o encontro dos corpos não deixa de refletir sobre tudo que virá dali para frente após ser iniciado em sua sexualidade:

Enquanto penetrado, (o)corre-lhe, em frações de segundos, determinadas imagens que (como será depois daqui enquanto gozo? Como irei olhar nos olhos deste homem que me faz homem? Como enfrentar o olhar do Pai, os sussurros da mãe, as desconfianças dos amigos, a rejeição dos irmãos? É agora. Está feito (SILVA, 2006, p.78).

Podemos identificar neste trecho que sua identidade como sujeito gay está sendo formada e com ela afloram todas as questões relacionadas à subjetividade gay mencionadas anteriormente, como a injúria e a solidão. O personagem sabe o que lhe espera e sabe também que dali para frente seu caminho não será fácil. Já prevê a descontinuidade que passará a lhe acompanhar e que fica evidente quando pergunta ingenuamente àquele que lhe iniciou em sua vida sexual: “Vou te esquecer?” (SILVA, 2006, p.78) e no trecho “O cheiro de merda, sangue e esperma não mais interessavam, apenas a lembrança do cacete que lhe penetrava havia há pouco. Parecia que o ditado do homem começava a fazer efeito: amor de pica era o que estava ficando!” (SILVA, 2006, p.80).

O que se segue após o fim do rito de iniciação do jovem é uma sequência de injúrias e de violência física por parte do pai que flagra os dois, o filho e o seu “predador”, ainda se recompondo. O mais velho consegue escapular, enquanto o pobre adolescente enfrenta a fúria do pai que, se sentindo desonrado e envergonhado, “lançou-se sobre o garoto com punhos cerrados e marretou-o com a força de seus braços” (PÁDUA, 2006, p. 80), despejando no filho, vocábulos injuriosos, como “bicha”, “veado”, “pederasta”, “fresco de uma porra”, “rapariga de soldado”, etc.

Naquele ambiente abjeto o garoto passou por dois ritos de iniciação envolvendo sangue: o primeiro libidinoso; o segundo, diante da violência desmedida do pai.

Além das agressões físicas, percebemos nas linhas finais do conto o dano que a injúria instaura na subjetividade de quem a sofre:

Perfumado de excrementos, saía lentamente quase sem poder erguer os pés do chão [...] sabia que seria para sempre aquela escolha. Não sabia que seria tão difícil o processo de iniciação. Não sabia que ser gay dói. Não sabia o peso e a medida da palavra veado, principalmente quando pronunciada por uma representação instauradora dessa força: a ordem do pai [...] e só o tempo diria o que estava por acontecer. (Amor de pica é o que fica! Repetia, enquanto caminhava, em seu interior, olhando as coisas e a casa paterna que ficavam para trás) (SILVA, 2006, p.81).

Essa injúria, também nomeada de insulto, se configura em um veredito, pois ela

É uma sentença quase definitiva, uma condenação perpetua, e com a qual vai ser preciso viver. Um *gay* aprende a sua diferença sob o choque da injúria e seus efeitos, dos quais o principal é seguramente a conscientização dessa dissimetria fundamental instaurada pelo ato de linguagem (ERIBON, 2008, p.28).

Devido ao fato de a injúria ter sido “pronunciada por uma representação instauradora dessa força: a ordem do pai” (SILVA, 2006, p.81), ela ganha mais peso e consistência na ferida daquele a quem ela se destina:

Aquele que lança a injúria me faz saber que tem domínio sobre mim, que estou em poder dele. E esse poder é primeiramente o de me ferir. De marcar a minha consciência com essa ferida ao inscrever a

vergonha no mais fundo da minha mente. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, torna-se um elemento constitutivo da minha personalidade (ERIBON, 2008, p.28-29).

Com este conto, Antonio de Pádua toca em uma das mais tristes realidades que uma pessoa que abandona o “conforto” do dispositivo do armário se vê a encarar: a injúria e a homofobia por parte da própria família. Vemos no trecho citado que o encerra que o protagonista confessa não estar preparado para tal ato de transgressão, pois “não sabia que ser gay dói” (PÁDUA, 2006, p. 81), não conhecia ainda o peso das palavras injuriosas, principalmente vindas daquele que mais lhe inspirava respeito, o próprio pai. Acompanhamos a caminhada do personagem que deixa o conforto do lar, bem como o conforto do armário em uma jornada incerta que provavelmente o legará a relações esporádicas e repentinas, como aquela que permeia o conto anterior.

Agente da passiva: a injúria, o *coming out* forçado e o desejo homoerótico

O terceiro e último conto que analisaremos, intitulado “Agente da passiva”, já se inicia com uma cena de injúria coletiva em um espaço de homosociabilidade, a escola:

Foi assim mesmo. Mal saiu da escola, no meio da rua, diante de todos que também da escola saíam e iam a suas casas, Alejandro ouviu, em coro, mais de vinte niños gritando em direção a ele: - Maricón! Maricón! Maricón! (SILVA, 2006, p.103).

Para Eve Sedwick (2000, p.2), o termo homosocial do qual deriva a palavra homosociabilidade, é usado, ocasionalmente, na história e nas ciências sociais para descrever laços sociais entre pessoas do mesmo sexo. É um neologismo destinado a ser distinguido de “homossexual”. Ele é aplicado às atividades como a “ligação masculina”, que pode, assim como em nossa sociedade, ser caracterizada por intensa homofobia, medo e ódio à homossexualidade. Estes espaços de homosocialidade seriam, portanto, caracterizados pelas relações entre pessoas do mesmo sexo. Pádua não especifica se a escola onde se passa a narrativa é um internato de turmas só de meninos, mas esse tipo de injúria é, em grande parte, causada por crianças do sexo masculino.

Em *Pedagogias da sexualidade*, Guacira Lopes Louro (2010) evidencia diversas posições sociais no disciplinamento dos corpos. Como exemplo de instituição que pratica tal disciplinamento, a autora aponta a escola, tendo em vista que seu espaço é um mecanismo de poder que pode exercer um controle expressivo no corpo. O que temos logo no início deste conto é a injúria que tenta disciplinar o corpo de Alejandro, não apenas pelos colegas mas pela professora que “abestalhada de tonta” fica surpresa com a “revelação” que envolve Alejandro e Hernandez através da injúria e da interjeição do coro uníssono de “adolescentes com cara de crianças taradas” (PÁDUA, 2006, p.104).

Segundo Eribon (2008), a injúria, tanto coletiva quanto singular, tem como fim globalizar o ato, expondo de forma coletiva o injuriado:

A injúria é, a um só tempo, pessoal e coletiva. Visa um indivíduo particular ligado-o a um grupo, uma espécie, uma raça, ao mesmo tempo em que busca atingir uma faixa de indivíduos tomando por alvo uma pessoa que dela faz parte. O insulto opera por generalização e não por particularização. Globaliza mais que singulariza (ERIBON, 2008, p.93).

Essa injúria provoca a violação dos direitos do sujeito, reduzindo-o a mero objeto do discurso e se traduz em violência e abjeção através dos moldes da heteronormatividade:

A formação de um sujeito exige uma identificação com os fantasmas normativo do sexo: essa identificação ocorre através de um repúdio que produz um domínio de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir. Trata-se de um repúdio que cria a valência da “abjeção” – e seu status para o sujeito – como um espectro ameaçador (BUTLER, 2010, p.156).

Todavia, diante a injúria coletiva dada em sala de aula, Alejandro junta forças em um ato de autoafirmação para se revelar, assumindo assim sua subjetividade e identidade gay, aproveitando a vazão do *coming out* forçado, fazendo assim o movimento contrário de outrora, passando de objeto do discurso para agente do discurso:

Mas estava agitado, parecia estar gostando, de certa forma, da situação. Parecia momento de exposição de algo que ainda não havia tido

coragem suficiente de dizer e se aproveitava da situação para conseguir de uma vez por todas a libertação de sua condição gay (SILVA, 2006, p.105).

O sujeito gay ao escolher sair do armário tem consciência das injúrias e opressões que essa decisão pode causar, uma vez que o “armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 2007, p.26), portanto ele representa o lugar de liberdade e o meio de resistir às normas.

O armário é para muitos sujeitos gays, um mecanismo de defesa no qual a vida privada está protegida de regras impostas pela heteronormatividade. No caso do personagem do conto, essa defesa se dava devido ao armário de vidro no qual esteve durante muito tempo. Ao rompê-lo em uma atitude de transgressão, Alejandro assume de vez sua passividade diante dos colegas de sala, descrevendo sua aceitação como agente passional, no encontro de corpos com Hernandez:

Este, na posição de baixo, passivamente acoitava o sexo do outro em si, bem no dentro, bem no centro, bem num dos domínios vitais. Do homossexual. Sentiu com dor a penetração ativa, esqueceu a descoloração sanguínea. Sentiu cada centímetro do pênis sujeito no ânus objeto. Assumia a passividade [...] (SILVA, 2006, p.107).

Pádua descreve o momento com extrema naturalidade, ao demonstrar que na relação de Alejandro e Hernandez não havia relações de poder. Os dois se encontraram numa situação vertical, sem hierarquias, diferentemente do que ocorre nos contos anteriores:

A natureza fizera-os assim, homem e mulher, pênis e vagina. Assim como eles: homem e homem, pica e cu. Alguém tinha que violar; alguém tinha que comer. Na lógica, nem quem come nem quem é comido são assimétricos. O gozo não admitia hierarquia. O prazer não se sustentava em relação de poder. O cu e a pica sabiam disto. Quando se encontravam, era apenas foda e foda e foda. Nada mais (SILVA, 2006, p.108).

O conto termina com o protagonista assumindo de vez sua subjetividade e identidade gay (em parte devido ao *coming out* forçado, em parte por um desejo já instaurado em

seu interior de fazê-lo), assumindo seu papel como o “agente da passiva”, como o “objeto” na relação com Hernandez, o “ativo”, o “sujeito”. Interessante analisar tais classificações utilizadas por Pádua para caracterizar os personagens, identificando, assim, o papel de cada um na relação que, com o final do conto em aberto, não nos permite afirmar se se perpetuará ou se não passará de um relação líquida, o que para os personagens não tem importância. O relevante é que “quando se encontravam, era foda, foda, foda. Nada mais. Ninguém saía mais contente ou mais zangado. Ninguém saía culpado ou vitimizado. Ambos saíam esgotados, gozados, galados.” (PÁDUA, 2006, p.108). Este terceiro conto, diferentemente dos anteriores, finaliza de maneira menos densa. Não que questões difíceis relacionadas ao sujeito gay não tenham sido exploradas por Pádua, até porque a injúria é o *leit-motiv* da narrativa. Todavia, percebemos que no conto em tela a descontinuidade e o desejo-inquietação dos personagens dão espaço aos prazeres do erotismo e do encontro de seus corpos em um sentimento de *Carpe Diem*, finalizando com um tom mais leve e otimista, como toda relação, homoerótica ou não, deveria ser.

Considerações finais

Ao final da leitura dos três contos percebemos que a descontinuidade e o desejo interior (Bataille, 1987) ou o desejo-inquietação (Foucault, 1994) são caminhos que levam a situações de solidão, de injúria e de abjeção. Tais características resultam quase sempre, em relações líquidas e efêmeras, tão comuns na contemporaneidade, como podemos perceber nos contos “Passional ao extremo” e “Esquema F”, de sujeitos plenos de gozo, mas existencialmente vazios ou vítimas da injúria e do expurgo.

A temática homoerótica ganha em Pádua um de seus grandes nomes, uma vez que além de autor de obras ficcionais sobre o tema também é um dos principais nomes no que se refere aos estudos teóricos-críticos sobre o homoerotismo e sobre questões relacionadas à subjetividade e identidade gay.

O objetivo de analisar as narrativas com temática gay neste artigo é o de buscar expandir e fortalecer os estudos sobre o homoerotismo e sobre a literatura homoerótica

no Brasil. Primeiro, porque, como aponta Barcellos em *Literatura e homoerotismo em questão* (2006), comparado a países europeus e principalmente com os Estados Unidos, nossas pesquisas sobre o tema ainda caminham com passos tímidos. Segundo, pelo triste fato de vivermos em um dos países que mais matam gays, lésbicas, transexuais e travestis no mundo. É preciso dar fôlego aos estudos sobre diversidades culturais e sociais, pautados sempre no respeito e na empatia em relação às diferenças, combatendo assim todo e qualquer tipo de preconceito e evitando que se reproduzam, como afirma Barcellos na mesma obra, estruturas homofóbicas de pensamento.

Cabe frisar também a necessidade do estudo de narrativas brasileiras contemporâneas, buscando demonstrar seu valor às academias e aos que insistem no ranço em relação ao que deve ou não fazer parte do seletivo (e às vezes caduco) cânone literário brasileiro.

EL SER DESCONTINUO Y EL DESEO HOMOERÓTICO EN CUENTOS DE ANTONIO DE PADUA

RESUMEN: Antonio de Padua Dias da Silva en su primera obra de cuentos *Sobre chicos y hombres*, de 2006, explora, a través de sus personajes, cuestiones relacionadas a la subjetividad ya la identidad gay, como la carencia afectiva y sexual, a través de una narrativa cargada de sensibilidad poética y visceral. Este artículo busca discutir e identificar cómo se manifiesta el deseo homoerótico de estos personajes, demostrando la relación intrínseca entre el deseo inquietante con la discontinuidad del ser, que muchas veces llevan a los sujetos gays a situaciones de injuria, abyección y soledad.

PALABRAS CLAVE: Abyección; Homoerotismo; Injuria.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*, Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

CAMARGO, Flávio Pereira. *Corpos ardentes, desejos latentes: configurações homoeróticas em Abjetos: Desejos, de Antonio de Pádua Dias*. Apresentação no VI Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Lisboa: Relógio d'Água, 1994.

KRISTEVA, Julia. Aproximação da abjeção. In: _____. *Poderes do horror: ensaio sobre a abjeção* (1980). Tradução de Allan Davy Santos Sena. Disponível em: [http://www.academia.edu/18298036/Poderes do Horror de Julia Kristeva Cap%C3%ADtulo 1](http://www.academia.edu/18298036/Poderes_do_Horror_de_Julia_Kristeva_Cap%C3%ADtulo_1).

LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. In: *Cadernos Pagu* [on line], n.20, p.121-130, 2003.

PAZ, Octavio. Os reinos de Pã. In: _____. *A chama dupla*. Amor e erotismo. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995. p.9 – 22.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: *Cadernos Pagu*, n.28, p. 19-54, 2007.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Sobre rapazes e homens*. Capina Grande: EDUEP, 2006.

Recebido em: 15/09/2017.

Aprovado em: 15/12/2017.